

## EVOLUÇÃO ESPIRITUAL: COMPREENSÃO DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA PARA UM DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

SPIRITUAL EVOLUTION: UNDERSTANDING SPIRIT CODING FOR AN INTER-  
RELIGIOUS DIALOGUE

Antônio Carlos Coelho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa observar dentro do cenário contemporâneo religioso as possibilidades de inserção do papel da evolução espiritual, enquanto uma extensão da codificação espírita para o desenvolvimento humano, buscando abrir um horizonte de diálogo inter-religioso. A partir de uma metodologia bibliográfica, foi priorizado, em um primeiro momento, um balanço de questões que demarcam a construção de uma linha de pensamento que culminou em uma pluralidade tanto cultural como religiosa. O recorte do trabalho será uma reflexão desse contexto apresentado na Codificação Espírita e a evolução espiritual humana favorecendo um convívio social, articulando entre a preocupação desta religião a busca pela paz, pela justiça e por uma retidão da criação.

**Palavras-chave:** Autotransformação. Autoconhecimento. Evolução Espiritual. Convívio Social. Diálogo Inter-Religioso.

179

**ABSTRACT:** This work aims to observe within the contemporary religious scenario the possibilities of inserting the role of spiritual evolution, as an extension of the spiritist codification for human development, seeking to open a horizon of interreligious dialogue. From a bibliographic methodology, it was prioritized, at first, a balance of questions that demarcate the construction of a line of thought that culminated in a plurality, both cultural and religious. The cut of the work will be a reflection of this context presented in the Spiritist Codification and the human spiritual evolution favoring a social coexistence, articulating between the concern of this religion the search for peace, justice and a righteousness of creation.

**Keywords:** Self-transformation. Self-knowledge. Spiritual Evolution. Social Interaction. Interreligious Dialogue.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente cenário contemporâneo no qual a globalização promove além da circulação dos indivíduos, a evidência de um multiculturalismo que, não só por meio dos objetos que os representam e de seus sistemas simbólicos, coloca também o campo

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião - PUC/MG.

religioso em um patamar promissor, onde a religião passa a ter novos olhares no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Nesse contexto formado por diversas religiões, o espiritismo entende a importância do diálogo inter-religioso ao se colocar diante de fronteiras recentemente vislumbradas, encarando novas realidades que surgem na contemporaneidade. A forma como este procedimento se dá, tende a ser um convite a uma evolução espiritual, à participação desse fluxo interativo, plural uma vez que a própria codificação se abre a esta realidade ao afirmar que “todas as religiões, ou antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, quer sob este ou aquele nome”.

A metodologia utilizada neste processo investigativo se dá por meio de uma abordagem qualitativa, envolvendo a pesquisa bibliográfica, evidenciando a contribuição da evolução espiritual como espaço de ensino para o desenvolvimento do educando.

O recorte analítico do artigo, para o presente estudo, é feito a partir do entendimento de como a autotransformação humana, realizada por meio de uma reflexão interior oportuniza um autoconhecimento favorecendo a aquisição de novos arquétipos.

Em um segundo momento, se discutirá a importância da evolução espiritual para um convívio social mais salutar, no qual esta interação social se mostra importante para o desenvolvimento do espírito e de sua mudança enquanto a caminho.

Posteriormente, a partir desta diversidade cultural, surge uma construção interpretativa por parte da Codificação Espírita edificando bases iguais do fenômeno religioso observando a necessidade de ver a própria diversidade apresentada ao ser humano uma variação da cultura religiosa a partir de sua liberdade de pensamento.

Em nome desta universalidade divina, o espiritismo se apresenta como um participante neste diálogo inter-religioso, buscando nesta interação, valores na perspectiva de uma ética de caridade, amor universal, fraternidade apresentando a imortalidade do espírito como um dos pontos de encontro e de diálogo entre todas as religiões.

## 2 AUTOTRANSFORMAÇÃO POR MEIO DO AUTOCONHECIMENTO

Diante de um cotidiano evoluir, as experiências vividas se tornam um “exercício de aprender com a realidade” (PANASIEWICZ, 2013, p. 590), a humanidade busca replicar em sua vida os ensinamentos transmitidos pelo Evangelho. Mas o que de fato promove é uma contemplação de si mesmo como uma característica de “dezenas de séculos [...] que não o faz, senão olhar-se a si mesmo”. (TEILHARD DE CHARDIN, 1970, p. 25).

Esse processo inicialmente contraditório segundo Pires (2005) revela um panorama atual do estado espiritual da humanidade no mundo, em que se vive uma cópia dos descabros do passado. Fato registrado nos anais da historiografia humana, de uma “sobrevivência do passado histórico na conjuntura contemporânea”. (PIRES, 2005, p. 8). Estas realidades impedem o convívio social e a evolução espiritual humana conforme apresenta a Codificação Espírita (2009).

Entende a Codificação Espírita (2009) que, o ser humano, enquanto espírito encarnado, ainda se encontra dentro de uma fronteira limitada ao “repetir o curso doloroso das experiências inúteis” (PIRES, 2005, p. 12), apesar de terem sido “[...] ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, para serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem”. (EFÉSIOS, 4:22-24).

O aspecto do velho revestido em novos paradigmas demarca uma rotina permeada por uma visão de superioridade, de domínio, emaranhado aos preconceitos sociais que em longo prazo aumenta a prevalência de doenças no espírito direcionando-o a uma existência exterior, a uma falta de uma consciência de transformação.

Incapaz de executar uma práxis de compreensão plural e crítica, “de mergulhar na profundidade do objeto contemplado e deixar-se envolver se por ele” (PANASIEWICZ, 2013, p. 590), este submerge ao temor levando a uma atitude opressora que invalida a sua transmigração evolutiva, pois,

Enquanto liquidamos o ecossistema e pessoas, como se fossem moedas de troca de baixo valor, seremos humanidade contemporânea, mas sem comportamento novo. Tal conduta aponta para uma ilusão falseada do velho homem que espera ser chamado de novo – melhorado, mas que segue o torto, solitário e desértico no caminho do desenvolvimento. (RITZ, 2017, p. 52).

Por certo, que enquanto estiver olhando pelo retrovisor de sua vida não poderá guiar-se no presente rumo ao futuro. A importância de articular o ser com o seu próprio tempo torna-se importante, pois, “todo o nosso comportamento é decorrente de nossa idade evolutiva e de que somos tão bons quanto nos permite nosso grau de evolução” (HAMMED, 1997, p. 63), deste modo, na contemporaneidade a mensagem à humanidade se “caracteriza por uma exigência de revisão de nossas perspectivas sobre o sentido da existência humana”. (BUBER, 1979, p. 11).

A “solidão desértica” (RITZ, 2017) experimentada pela humanidade fixa seu livre-arbítrio “a preferir o caminho mais longo e doloroso, dera o seu próprio veredicto no

tribunal de sua própria consciência” (PIRES, 2005, p. 12), de se distanciar da presença e da ação Divina, tornando este Ser intangível. Mas, o

Ser humano tem [...] que suportar os conflitos íntimos e as contradições sociais; tem que viver dolorosamente dividido entre a aspiração ideal e a possibilidade real, entre o que faz e o que sabe que deveria fazer. Isto gera angústia, faz sentir o peso da responsabilidade e converte a vida num problema, e a existência num fardo. Porém, *de per si*, tudo isso nada tem a ver com a religião: é, nem mais nem menos, o problema de ser homem, de realizar-se como pessoa, de construir-se na liberdade [...]. (QUEIRUGA, 1999, p. 36).

A realização do autoconhecimento perpassa pelo esforço contínuo para uma experiência de existência universal, em que seja construído um olhar distinto sobre o seu fardo, entendendo-o não como um formado punitivo, mas, como uma força propulsora de autotransformação íntima, pois quanto “mais evoluído, conhecerá melhor sua origem, seus papéis e seu fim: o ponto Ômega”. (BUBER, 1979, p. 25).

Conforme Fox (2004, p. 23) do criacionismo a encarnação cristã nos apontam para uma igualdade plena em sua doutrina, pois nos;

Dá a entender que Deus se tornou encarnado – fez-se carne – não só no Jesus histórico e certamente não apenas nas criaturas que se apoiam nas duas pernas, mas em todos nós. Todos nós somos encarnações – lar e morada para o Divino -, todas as pessoas, os pobres não menos que os abastados. Todas as raças, todas as religiões, ambos os sexos, todas as orientações sexuais e todos os seres – quadrúpedes, alados, seres-rocha e seres-árvores e seres-nuvem -, todos somos moradas vivas do Divino.

Em procura deste local divino no humano, o autoconhecimento possibilitará o desenvolver de novas perspectivas em que se buscam caminhos ainda não revelados para a edificação de um comportamento de se dispor ao encontro. Como aponta Queiruga (1999, p. 140), para uma experiência de práxis universalista deve-se vivenciar a “experiência do amor libertador de Deus”.

Para realizar esta autotransformação torna-se necessário adquirir;

Toda uma serie de sentidos, cuja aquisição gradual, como teremos ocasião de dizer, abrange e ritma a própria história das lutas do Espírito. Sentido da imensidade espacial [...]; Sentido da profundidade [...]; Sentido do número [...]; Sentido da proporção [...]; Sentido da qualidade, ou da novidade [...]; Sentido do movimento [...]; Sentido do orgânico; [...]. À falta destas qualidades no nosso olhar, o Homem permanecerá indefinidamente para nós, por mais que se faça para nos fazer ver, o que ele ainda é para tantas inteligências: um objeto errático num Mundo desconjuntado. Esvaneça-se, pelo contrário, da nossa óptica a tríplice ilusão da pequenez, do plural e do imóvel, e o Homem virá ocupar sem esforço o lugar central que anunciávamos : cume momentâneo de uma Antropogênese que, por sua vez, coroa uma Cosmogênese. O Homem não pode ver-se completamente fora da Humanidade; nem a Humanidade fora da Vida; nem a Vida fora do Universo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1970, p. 7-8).

O despertar para a vida predispõe possibilidades para uma autotransformação, que em certa medida significa cultivar a espiritualidade íntima para um “despertamento natural e do amadurecimento psicológico” (HAMMED, 1997, p. 63), regenerando suas atitudes. Um caminhar do interior para o exterior, ou seja, “um movimento de saída de si para perceber a realidade a partir de outro ponto de vista, [...] e, sobretudo, aprender com o novo que está sendo contemplado”. (PANASIEWICZ, 2013, p. 590).

Este movimento provoca no ser uma reflexão de liberdade do seu anseio de culpa e por consequência o liberta de uma dependência da ação de um terceiro na prática de seu infortúnio. Entendendo que culpar o outro “não é um método educativo, nem tampouco gerador de crescimento, mas um meio de induzir as pessoas a não se responsabilizar por seus atos e atitudes”. (HAMMED, 1997, p. 62).

Dispensa-se nesta dinâmica de evolução, o sentimento condicional de troca de favores, ao propor que;

Todos aqueles que aprenderam a compartilhar deste mundo, contribuindo sempre para a sua manutenção, [...] ao perceberem que recebem à medida que doam, sustentam com êxito esse fenômeno de trocas incessantes. (HAMMED, 1997, p. 74).

A regeneração individual da humanidade pode der o seu início nesta percepção de “fenômeno de trocas incessantes” de forma não condicional, o que propulsiona uma trajetória de perfeição ligada “[...] por inúmeras formas de vida, desde o micro ao macrocosmo, e que os ciclos da natureza é que vitalizam igualmente plantas, animais e eles próprios” (HAMMED, 1997, p. 73), integrando desta forma ao universo que o cerca.

Buscar auscultar a si mesmo, não pressupõe fugir destas diversidades que rondam a humanidade, mas, cria condições para entendê-las como forças participativas da sua individualidade. Para tanto, deve-se compreender que os “humanos e não humanos como sujeitos de direitos é tê-los como dignos de igualdade e respeito, seriam também pressupostos nessa tarefa libertadora que não deve englobar apenas a humanidade”. (RITZ, 2017, p. 54).

A partir da autotransformação por meio do autoconhecimento, o indivíduo tem condições para entender o mundo material e social como apenas transitório e instrutivo. Um estágio que se tem que enfrentar para a educação individual, pois, enquanto a “alma estiver presa ao processo cármico – roda das reencarnações – e não se liberta do ódio, da inveja, da ganância, dos desejos, terá necessidade de reencarnar e renascer”. (SIQUEIRA, 2003, p. 35).

Este procedimento o conduz a um autoconhecimento íntimo, em um esforço constante que o fazem para se aperfeiçoarem moralmente. Uma ação de mudança, como o que se vislumbra, não pode se concretizar sem comoções, sem angústias, “razão pela qual será oportuno discernir quais são as dores do crescimento e quais são as dores que decorrem da incapacidade de lidar com as forças ignoradas da vida subjetiva”. (DUFAUX, 2001, p. 25).

O autoconhecimento e sua autotransformação profunda permite ao indivíduo conhecer-se primeiro, compreendendo suas limitações e suas qualidades. E esse trabalho interior permite um labor engajado de efetiva mudança, visto que;

A humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais por que passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhe-se a humanidade em suas evoluções através dos tempos e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia especial. (KARDEC, 2009, p. 363).

A humanidade, desde o seu início, caminha em uma coletividade, tendo como proposta a sua autotransformação intelectual e moral, o autoconhecimento e sua reforma se tornam uma atividade necessária dentro desse “processo reencarnatório” (LUIZ, 1983), que deve ser interpretado como uma nova ocasião de redenção de desenvolvimento e progresso. Esta jornada individual, mesmo na coletividade, na visão espírita, não pode ser interrompida por nenhuma outra pessoa, pois o espírito deve progredir sem cessar.

A Codificação Espírita (2009) afirma que este labor torna-se condicional para que;

Entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará cair os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando-os a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros. [...] A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam, uns os dissidentes, vistos pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados. (KARDEC, 2009, p. 363-364).

Perceber que ao convocar a humanidade para uma autotransformação por meio do autoconhecimento, tornam paradigmas até então considerados como basilares, possíveis de se desfazerem diante dos novos preceitos de cunho cristão, ao se optar pela melhor modificação da conduta diária. Hammed (2003, p. 162), apresenta que esta composição universal faz funcionar uma “orquestra cósmica, da qual compartilhamos, é muito mais

ampla do que podemos imaginar, e cada um precisa dar a sua cota de participação nesta sinfonia do mundo. Somos parte do Universo e ele é parte de nós”.

### 3 A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL PERMEADA PELO CONVÍVIO SOCIAL

Brasil “Gigante pela própria natureza” se configura como uma nação de distintas e variadas territorialidades, com características climáticas, geológicas distintas, cercado por uma diversidade de costumes, tradições populares, heranças culturais, religiões, folclores, fenômenos característicos de uma sociedade que traduz no seu “modo de ser, uma atitude essencial, que acompanha o ser humano em cada passo de seu cotidiano”. (TEIXEIRA, 2014, p. 152).

Afirmam Berger e Luckmann (1985, p. 173), que;

O indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso do qual é induzido a tomar parte na dialética da sociedade.

A esta tendência natural para o social habilita os indivíduos a viverem em uma coletividade, fazendo surgir “diferentes universos parciais coexistindo em um estado de mútua adequação”. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 168). Estes universos distintos, compreendido por Durkheim (1996), como sendo características de leituras representativas humana no meio que o rodeia, ao conceber o mundo a partir de sua interpretação.

185

Nesse sentido, as construções dessas leituras representativas ou o imaginário criado por uma sociedade é uma forma em que ela tem de garantir a coerência e o sentido da vida social. Segundo Baczko, (1985, p. 309), estes imaginário sociais constituem;

Outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer colectividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percepçiona, divide e elabora os seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papeis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento” designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe” o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser.

Como consequência dessas particularidades da humanidade em atividade pelo globo, despontada uma diversidade dos seus produtos que passam a dar visibilidade as suas experiências e significados (GEERTZ, 1997), instituindo padrões de sensibilidade distintos, promovendo valores diversos em cada cultura. O que demonstra que estes

agentes sociais “tem uma faculdade natural de idealizar, isto é, de substituir o mundo da realidade por um mundo diferente ao qual se transporta em pensamento”. (DURKHEIM, 1996, p. 465).

Portanto, a cultura pode ser compreendida com um conjunto de “reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo como para consigo mesmo” (BOAS, 2011, p. 113) e que está em constante transformação.

Como aponta Harari (2018, p. 224) “nem mesmo uma cultura completamente isolada, existindo em um ambiente ecologicamente estável, pode evitar mudanças”. Durkheim (1996, p. 472) assegura que a “vida social muito particular que daí resulta, tende, portanto, a se espalhar em uma área de extensão sem limites definidos”, constituindo uma trama de intercâmbio social.

Esta “predisposição para a sociabilidade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, segundo a Codificação Espírita (2009), consisti ser uma pertença da humanidade e, este querer “estar-junto grupal que privilegia o todo em relação aos seus diversos componentes” (MAFFESOLI, 1997, p. 195) que torna natural viver em sociedade. Como ressalva Carvalho (1989), a humanidade como ser biológico evoluiu, em um mundo sociocultural em que se cria e recria ao mesmo tempo enquanto cultiva a sua evolução.

Esse norteamento da conduta social humana é marcado dentro de um período “temporal e espacial” (SZTOMPKA, 1998), portanto, fica longe de ser único dentro de grupos humanos uma vez que foram realizados nos mais variados ambientes territoriais do globo. E estes ambientes são influências e responsáveis pelo desenvolvimento ao fornecerem características específicas, moldando, inadvertidamente sua própria evolução.

A humanidade, criada “simples e ignorante” (KARDEC, 2009) se destina a evoluir, por meio do “processo reencarnatório” (LUIZ, 1983) e por “inter-relações sociais” (BONIN, 2013). Dessa forma ao mesmo tempo em que ele é um indivíduo, torna-se, a partir da relação com o próximo, um ser coletivo influenciado e influenciando uma comunidade segundo necessidades específicas referenciada por cada elemento.

A mudança permite, segundo Possatto (2002), um aperfeiçoamento do espírito pelo seu próprio trabalho. Para a Codificação Espírita (2009) uma única existência no mundo material, não seria possível que todas as qualidades morais e intelectuais sejam adquiridas.

O “processo reencarnatório” (LUIZ, 2012) aliado ao de inter-relações sociais propicia no ser o desenvolvimento de aprendizado bem como a correção do mesmo visando à evolução.

Para a Codificação Espírita (2009), não há do que se falar de perda da personalidade do indivíduo neste projeto reencarnatório o espírito se mantém o mesmo íntegro, deste modo, a reencarnação deve ser compreendida “como uma doutrina da pluralidade e da unidade das existências corpóreas, visando a evolução. [...], partindo dos estágios mais primitivos em direção à instâncias de maior evolução, até chegar a perfeição relativa de que somos capazes”. (ZILLI, 2011, p. 105).

Deste modo, os seres humanos se completam “para assegurar seu bem-estar e progredir, [...] para viverem em sociedades e não isolados” (KARDEC, 2009, p. 241), entendendo que estes “buscam a sociedade por instinto e deve todos concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente”. (KARDEC, 2009, p. 241).

Ao tratar desse intercâmbio social, se apresenta o sentido de Social a ser entendido por este artigo;

Social, aqui, não serve à designação da unidade coletiva, macroscópica, que perde de vista o indivíduo, [...]. Constitui uma referência ao outro humano, ao indivíduo que não sou eu e que, comigo, divide a vida que me permite, a mim e a ele, agir, e que permite a emergência de realidades às quais o social-sociológico se aplica. Ou seja, o social se configura já a partir da interação social, no mesmo ponto onde o individual se configura e de onde às vezes é recortado para consideração em separado. Do mesmo modo, o cultural também se configura no nível da interação social na medida em que as ações em interdependência são carregadas dos significados cujo compartilhamento, pelos membros da interação, permite-lhes ação articulada e cujo compartilhamento, em nível coletivo, irá constituir o que anteriormente chamamos de cultural-antropológico. (DURAN, 1997, p. 4).

A interação social torna-se importante, segundo a Codificação Espírita (2009), por possibilitar a humanidade a buscar na sociedade o contato com seu próximo, evitando o seu isolamento que lhe embrutece e se seca. Ao analisar esta questão Kardec enfatiza que nenhum membro da humanidade;

Dispõe de faculdades completas e é pela união social que eles se completam uns aos outros, para assegurarem o seu próprio bem-estar e progredirem. Eis porque, tendo necessidade uns dos outros, são feitos para viver em sociedade e não isolados. (KARDEC, 2009, p. 241).

E ao longo da formação humana, que ocorre a laboração educativa necessária, em que desafios de variadas ordens são apresentados segundo Possatto (2002), com a finalidade de provocar mudanças, de desadaptar o ser humano, gerando uma atualização permitindo a sua evolução espiritual.

O potencial do espírito que habita a “esfera carnal” (LUIZ, 2012) vai muito além do conhecimento temporal, portanto, o labor do espírito encarnado, não pode permanecer estático à uma visão míope antropocêntrica de se ver e de estar no mundo, para a Codificação Espírita (2009) o corpo físico é veículo de expressão de um projeto de aprendizado espiritual em evolução.

A criatura terrena deve se educar contra essa herança e tendências que dificultam o seu aperfeiçoamento enquanto espírito a caminho. Deve-se buscar abordar uma análise de cunho crítico a sua vida, para se submeter a um princípio de perspectiva de acolhimento, a si e ao próximo, indo para uma “antropologia além dos seres humanos”. (KOHN, 2017). Mas quem é o seu próximo?

Esta elucidação do próximo ainda constitui um dos dilemas basilares da apreensão humana em dimensões psicológica, social e cultural. Inevitavelmente, ao longo dos anos, este entendimento foi reducionista, cercada por um pensamento de que o próximo seja apenas a humanidade, descartando uma relação “entre humanos e não-humanos, ou seja, a brecha entre natureza e cultura”. (KOHN, 2017).

Para tanto, a humanidade deve que se desapegar da interpretação do mito da criação, qual seja, da representação de ser a figura central desta, para entendê-lo como parte integrante da criação e não o contrário. “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (GÊNESIS, 1:31), a humanidade constitui uma espécie desta manifestação, integra a uma natureza divina, ela foi criada pelo dom de amor igual que dos demais seres.

O meio ambiente torna-se palco central deste convívio social permeado pela evolução espiritual do ser humano. Esquecemos que “[...] nós mesmos somos terra (GÊNESIS, 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos” (FRANCISCO, 2015, p. 1). Para o autor todas as;

Eriaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. Cada território detém uma parte de responsabilidade no cuidado desta família. (FRANCISCO, 2015, p. 15)

E esta inter-relação também se faz presente na Codificação Espírita ao afirmar que “assim tudo no universo se liga, tudo se encadeia, tudo se acha submetido à grande e harmoniosa da lei de unidade”. (KARDEC, 2013, p. 249). A relação entre seres que compõe este Globo não são apenas pontos de contato, mas, são formados por malhas entrelaçadas em que ao afetar um acaba por afetar a todos.

Evoluir espiritualmente não passa apenas pelo intelecto, materialidade, e ou nas formas sociais, vai além destas citadas deve-se “ampliar o olhar e prestar vivamente a atenção nessa diversidade” (TEIXEIRA, 2019, p.3) planetária, percebendo que “as vidas humana e não-humana não seriam entidades fechadas para o mundo, mas sim abertas, como uma linha de devir. Organismos e as coisas estariam imersos na vida, habitando um mundo também aberto e em constante construção”. (INGOLD, 2015, p. 184).

#### 4 A CODIFICAÇÃO ESPÍRITA E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O desafio proposto por Deus à educação espiritual consiste em um convite a todos os seres do “mundo visível como o mundo invisível” (Cavalcanti, 2008) a conviverem em comunidade de “Babel a Pentecostes” (Geffré, 2013). A acepção dessa concepção educativa não se erradica a sua contemplação “multidimensional da realidade e do ser” (RÖHR, 2013), mas visa proporcionar uma articulação de vibrações do interior para o exterior propendendo edificar uma integralidade cósmica. Eis o desafio ao “princípio inteligente” (KARDEC, 2009), integrar-se a diversidade que é o próprio do Criador.

A Codificação Espírita por meio de uma metodologia científica foi possível apresentar o mundo espiritual e o entendimento de como estes universos se relacionam. Possibilitando conexões de saberes e de diálogo que melhoraram a compreensão destes fenômenos espirituais no âmbito físico.

Por oportuno, a partir destas circunspecções científicas, se edificou proeminentes ponderações filosóficas de grande impacto moral, as quais se procuram orientar o desenvolvimento de “um ser imortal e cósmico” (Pires, 1985), por uma práxis educacional que objetiva promover a evolução como um método pedagógico, percebendo que a “educação do espírito é o cerne da proposta espírita”. (INCONTRI, 2017, p. 1).

A luz desta proposta espírita, registrada na jornada educativa do “ser imortal e cósmico” (Pires, 1985), sem escapar as limitações de tempo e de espaço, se vez presente deste o momento em que se;

Afastou do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência [...]. Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é

o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana.

O diálogo com os Espíritos, demonstram que esta jornada educativa tem o seu caráter condicional que visa um auto aperfeiçoamento progressivo que, somadas ao incremento dos conhecimentos científicos e de uma educação moral, retira os impedimentos da evolução.

Esta metodologia educativa, ocorrido em inúmeros milênios, segundo define os Espíritos (KARDEC, 2009), consiste em um programa didático-pedagógico simultâneo de evolução. Em síntese, este programa espiritual que abrange inúmeras áreas de saber universal, tem o seu ponto de união;

Justamente na Pedagogia. Não foi à toa que Kardec tenha sido educador e tenha recebido influência de Pestalozzi, um dos maiores educadores de todos os tempos. Melhor compreende o Espiritismo quem o compreende pedagogicamente. (INCONTRI, 2017, p. 1).

Em todos os seus aspectos esta pedagógica espírita chama a atenção dos espíritos (mundo visível e invisível) ao demonstrar que esta experiência individual ou em coletividade, dentro deste programa didático-pedagógico simultâneo de evolução, é composto por diferentes “estratos temporais” (KOSELLECK, 2014).

Deste modo as alterações morais realizadas por um ser imortal em evolução, não podem ser analisadas por um único conjunto de fatos, mas, se deve levar com consideração as características históricas e sua complexidade nesta experiência temporal. As aquisições morais ocorridas ou não, nas diversas experiências temporais, registrados no perispírito de cada indivíduo, resultam do próprio esforço de cada ser.

O perispírito, corpo material do espírito que se acumulam os registros de todas as ocorrências em que se envolve o indivíduo durante sua longa jornada evolutiva. É ele o arquivo imperecível de todas as lembranças, o armazém da memória, a sede de todos os estados consciências pretéritos. [...]. Só quando o Espírito atinge a perfeição, [...], é que lhe é dado modificar voluntariamente o seu perispírito. (SOBRINHO, 2008, p. 248).

Estas experiências compartilhadas se atrelam a uma longa duração temporal, se colidem, permitindo um relacionamento das mais variadas formas, e patrocina um diálogo que possibilitam um despertar que impulsiona à perfeição.

Mas, existem os que permanecem estacionários em seus instintos “capitaneados pela ignorância e pela vaidade, pelo egoísmo e pelo orgulho” (EMMANUEL, 2008, p. 102), evitando aceitar ideias renovadoras, ou seja, “apesar da enorme variabilidade dos desdobramentos culturais possíveis, os chamados instintos ou necessidades nutrem-se da

repetitividade, [...], que também orientam as consequências que dele resultam, ou seja, os hábitos, costumes e leis, asseguram um tipo particular de constância”. (KOSELLECK, 2014, p. 10-13).

Como exemplo desse padrão temporal básico dessa repetitividade, que preenche uma atitude de constância nas histórias humanas, regidas por limitações próprias, reflete na edificação do conhecimento de Deus e de sua ação. Diversas religiões fixam para si a exclusividade de deus excluindo, dessa forma, qualquer possibilidade de experiência a essa verdade bem como particularizando o acesso à essa transcendência por meio de único caminho. “Em razão de sua inserção histórica, as religiões podem, contrariando a sua motivação original, exercer uma instrumentalização do sagrado em favor da afirmação de seu poder particular com respeito aos outros”. (TEIXEIRA, 2002, p. 156).

Esta violência interpretativa sobre as coisas de Deus deve ser superadas dentro do evento evolutivo, “onde se tem que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais”. (KARDEC, 2013, p. 221).

Para os Espíritos a “existência de Deus” (KARDEC, 2009, p. 212), é um impulso instintivo presente na humanidade, ao vislumbrar a sua finitude diante da infinitude cósmica. Este instinto que originou as crenças religiosas é uma construção da concepção cognitiva, de cada povo espalhado no planeta. Este procedimento de estruturação religiosa, como parte de sua formação, estabeleceu sentido de uma existência divina que foi alterada na decorrer dos tempos.

Como não existe uma única teologia religiosa que possa nos fornecer uma evidência da existência de Deus ou da sua não existência,

Qualquer que seja a tradição religiosa em foco, tudo o que ela poderia dispor a respeito de Deus/dos deuses são discursos. Por mais profunda que se pudesse julgar sua experiência religiosa, esta só poderia ser comunicada como discurso. Enquanto construções discursivas, tais falas poderão se caracterizar por maior ou menor grau de sistematização teológica. Terão maior ou menor poder de convocação ao agir segundo as normas comunitárias vigentes ou para sua superação. Poderão ter marcas poéticas mais ou menos aparentes. Enquanto experiência humana de linguisticidade, quaisquer discursos sobre Deus carregarão, por fim, a ambiguidade própria da linguagem, seus limites e possibilidades, sua faculdade de, a um só tempo, dizer, não dizer tudo e, quiçá, dizer mais que o enunciado. (CANTARELA, 2010, p. 147).

O próprio discurso da Codificação Espírita (2009) apresenta características apresentadas por Cantarela (2010) citado acima. Kardec apresenta “construções discursivas” sobre o que seja o sobrenatural, imprimindo um tratamento científico, aos moldes do século XIX.

Este discurso se define como “um conjunto de princípios e leis, revelados pelos espíritos, que tratam da natureza, da origem e do destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal, procurando aproximar ciência e fé cristã” (SILVA; BRUNELLI, 2016, p. 64), fornecida por um programa didático-pedagógico.

Dentro desta fenomenologia religiosa, ter a exclusividade de Deus, por uma ou outra religião é um equívoco, como aponta Tutu (2012, p. 37), é “torná-lo muito pequeno e, em verdade, seria uma blasfêmia, pois ele cuida de mais do que apenas dos seres humanos de uma determinada religião”. Deste modo, a religião se “baseia em um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a entidades sagradas, ou seja, separadas, interditas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral”. (DURKHEIM, 1996, p.59)

Dentro do exposto no cerne da Codificação Espírita (2009), segundo nos ofertam os Espíritos, entendem a religião como fenômeno social e percebendo-a como sistemas distintos de crenças e de ordenamento social. Portanto, todas as interpretações religiosas, sem distinção, são manifestações reais e devem conter verdades divinas, sem exclusivismos e intolerâncias.

Os princípios da Codificação estão abertos aos indivíduos das mais distintas religiões, níveis socioeconômicos e de nível escolar que se identifique com os ensinamentos evangélicos e aceite a práxis dos princípios de “testemunhar às criaturas humanas a suprema lição da humildade, demonstrando, ainda uma vez, que, na coletividade cristã, o maior para Deus seria sempre aquele que se fizesse o menor de todos”. (EMMANUEL, 2008, p. 104).

A Codificação Espírita neste sentido contribui com o diálogo inter-religioso ao reconhecer a liberdade de manifestações do fenômeno religioso e de suas verdades e, bem como, ao possibilitar um “trânsito religioso” (FERREIRA, 2016; COELHO, 2018) intenso, nas casas espíritas, por indivíduos que buscam entendimento para questões próprias e que ainda não foram esclarecidas em suas denominações religiosas.

Incontri (2001, p. 132) expõe que “quem quer que partilhe [...] convicções relativas à existência e à manifestação dos Espíritos e das conseqüências morais daí decorrentes, é espírita de fato, sem que seja necessário estar escrito num registro ou matrícula ou receber

um diploma”. Este princípio não institucional da Codificação Espírita vem a favorecer o dinamismo do trânsito e do diálogo inter-religioso.

A crítica proposta pelos Espíritos, presente na Codificação, não se refere à religião enquanto fenômeno social, mas a prisão às suas interpretações, pelos espíritos encarnados que se esquecem de que “todos os Espíritos, reencarnados no planeta, trazem consigo a idéia de Deus, identificando-se, de modo geral, nesse sagrado princípio”. (EMMANUEL, 2008, p. 96).

Ao assumir uma posição de intolerância, chamam para si um posicionamento que dificulta a sua própria evolução, reforçando um padrão temporal básico de repetitividade, ao motivar ações com base em uma pseudo-superioridade fugindo de critérios da caridade. Para a Codificação Espírita;

A evolução do princípio espiritual tem de escapar a todas as vossas limitações de tempo e de espaço, na tábua dos valores terrestres. As aquisições de cada indivíduo resultam da lei do esforço próprio no caminho ilimitado da criação, destacando-se daí as mais diversas posições evolutivas das criaturas e compreendendo-se que tempo e espaço são laboratórios divinos, onde todos os princípios da vida são submetidos às experiências do aperfeiçoamento, de modo que cada um deva a si mesmo todas as realizações, no dia de aquisição dos mais altos valores da vida. (EMMANUEL, 2008, p. 36).

A concepção da humanidade, enquanto espírito a caminho, não pode esquecer-se da diversidade de quem a Criou, uma diversidade que vai além da humanidade terrestre.

A proposta da Codificação Espírita é promover uma ação dialogal não só entre espíritos/espíritos, mas entre, espíritos (mundo invisível e visível) com um diálogo com a humanidade. Todas criaturas de Deus, dialogando, edificando conversas sobre a diversidade do Criador, bem como compreender o pluralismo, que diz respeito às experiências e distintas interpretações do sagrado, constantes no segmento religioso de cada indivíduo.

Nesta dimensão o diálogo inter-religioso se apresenta como uma oportunidade de crescimento para todas as religiões, tanto no sentido meta-histórico, pois ampliarão sua compreensão do Sagrado, quanto no sentido histórico, pois desenvolverão a responsabilidade social, ambiental e, especificamente, humanitária (PANASIEWICZ, 2015, p. 720).

A observação do autor mostra que Deus se revelou à humanidade, e toda esta revelação se reveste de racionalidade, nos substanciando para a vida no seu cotidiano, e este relacionamento entre Deus e a individualidade do ser, vem mostrar as formas diversificadas que cada cultura e religião humana percebem Deus.

Por meio desta força comum, pertencente a todas as denominações religiosas, que une os mais distintos povos, a codificação espírita vislumbra o caráter profético do diálogo inter-religioso. Emmanuel (2008, p. 27) nos orienta que “a intolerância é a matriz do fratricídio e o fratricídio é a guerra de conquista em ação”. Este princípio é reforçado pela codificação espírita, sobre lutas de irmãos em nome da religião, em que nos avisa que “fazendo a guerra aos seus semelhantes, vão contra Deus, que manda o homem amar o próximo como a si mesmo”. (KARDEC, 2009, p. 218).

Nesta perspectiva dialogal, o espiritismo, à luz da codificação, se apresenta não como mais um ponto de discórdia, mas como uma ponte, uma intercessão, fortalecendo as identidades de cada grupo e buscando, dentro destes espaços, pontos de tolerância que fundamentem um diálogo próspero e de respeito às diferenças.

O espiritismo entende a importância do diálogo inter-religioso, ao se colocar diante de fronteiras ainda não exploradas, encarando novas realidades e dificuldades que surgem no horizonte histórico. A forma como ocorre, é um convite aos espíritas, de forma geral, a participar, pois a própria codificação se abre a esta realidade ao afirmar que “todas as religiões, ou antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, quer sob este ou aquele nome”.

Em nome desta universalidade divina o espiritismo se apresenta como participante deste diálogo inter-religioso, buscando nesta intercessão valores de uma ética de caridade, amor universal, fraternidade e na evidência da imortalidade do espírito, pontos de encontro e de diálogo entre todas as religiões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação estabelecida entre o espírito (encarnado ou desencarnado) e o universo se faz dentro de uma pluralidade distinguida por um senso crítico que leva a humanidade a uma ação reflexiva sobre o seu contato com o próximo e não apenas de forma mecânica.

A evolução espiritual, não importando sua denominação religiosa, tem sido uma busca constante, e esta ação convida a uma meditação sobre o caminho civilizacional escolhido bem como o modelo de proposta evolutiva de libertação espiritual, tomado por cada indivíduo.

Dentro da Codificação Espírita, a evolução do ser espiritual, passa pela desmistificação de uma cultura de violência e submissão, pertencente à espécie humana. A busca para superar esta reminiscência da humanidade torna-se imperativo, portanto,

evoluir, a partir da codificada espírita, pressupõe estabelecer uma relação de paz com o dessemelhante, amplia a capacidade de convivência com a diferença da qual o outro é portador, apresentando à humanidade uma “alteridade” (MELO, 2003; LEVINAS, 2010 e RICOEUR, 2014).

E o papel da alteridade dentro de uma perspectiva universal, enquanto proposta para uma evolução espiritual, não pode partir de um pensamento individualista ou de uma conotação “fundamentalista”. (PRADO, 2013). O que se objetiva, fixa em um ambiente coletivo e global de tendência fraternal, favorecendo um raciocínio, bem como um sentimento, centrado na comunhão e no encontro com o outro. E esta disposição fundamental para seu relacionamento entre indivíduos, são marcas essenciais de um Deus que é “sempre em ato” (QUEIRUGA, 1999) em que se revela, a cada criatura, a todo momento.

E este processo centrado na comunhão entre os diferentes, é um procedimento educador, na visão espírita. Método este somado às encarnações, habilita os seres humanos a uma reinterpretação da vida, a um aperfeiçoamento, a uma abertura em que singularidades e personalidades pessoais são tendências a serem esvaziadas nesta caminhada.

Acredita a Codificação Espírita que somente quando a espírito compreender a importância do “amar o próximo como a si mesmo” é que se conseguirá entender o sentido pleno da significação do sentimento de paz, realizado primeiramente no íntimo do ser espiritual em evolução para em seguida atingir toda a Humanidade.

Mesmo que seja um caminho considerado contraditório e insolúvel para sua aplicabilidade, Lévi-Strauss (1993, p. 365) entende que;

O dever sagrado da humanidade é conservar os dois extremos igualmente presentes no espírito, nunca perder de vista um em exclusivo proveito do outro; não cair num particularismo cego que tenderia a reservar o privilégio da humanidade a uma raça, a uma cultura ou a uma sociedade; mas também nunca esquecer que nenhuma fração da humanidade dispõe de fórmulas aplicáveis ao conjunto e que uma humanidade confundida num gênero de vida único é inconcebível, porque seria uma humanidade petrificada.

Evolução Espiritual, portanto, propõe uma oportunidade de redenção, de crescimento e progresso, abrindo um horizonte de abertura ao diálogo com o seu próximo. No que toca a análises sobre o pluralismo religioso e suas relações inter-religiosas, a Codificação a compreende que esta perpassa pela educação do espírito, favorecendo a aceitação de um fenômeno religioso rico em valores distintos. A Codificação propõe um

diálogo que defende esta pluralidade e ao mesmo tempo incentiva aproximação dessa diversidade existente, observando que na sua Unidade Deus se expressou na natureza de forma plural e distinta.

## REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Tradução de José Carlos Pereira. Petrópolis: Vozes, 2011.

BONIN, Luiz Fernando Rolim. *Indivíduo, cultura e sociedade*, In: STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BRUNELLI, Anna Flora. SILVA, Tamiris Vianna da. **O discurso espírita kardecista: prática discursiva e enlaçamentos**. Revista da ABRALIN, v.15, n.3, p. 59-82, jul./dez. 2016.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zubem. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CANTARELA, Antonio Geraldo. **O caçador de ausências. O sagrado em Mia Couto**. 2010. Fls 184 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CARVALHO, Ana Maria Almeida. **O lugar do biólogo na psicologia: o ponto de vista da etologia**. Biotemas. Santa Catarina. V.2, n. 2. p. 81-92, 1989.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.

COELHO, Antonio Carlos. **De progresso a evolução espiritual: uma contribuição da codificação espírita para o diálogo inter-religioso**. 2018. 205 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião PUC/Minas. 2018.

DUFAUX, Ermance (Espírito). **Reforma íntima sem martírio: as dores psicológicas do crescimento interior**. [Psicografado por] Wanderley Soares de Oliveira. Belo Horizonte: Dufaux, 2001.

DURAN, Álvaro Pacheco. **Interação social: o social, o cultural e o psicológico**. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000300002&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000300002&lng=pt)>. Acesso em: 15 fev 20.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EFÉSIOS. In: **A Bíblia**: Tradução ecumênica: São Paulo: Paulinas, 2002.

EMMANUEL (Espírito). **O consolador**. [Psicografado por] Francisco Cândido Xavier. Pedro Leopoldo: Biblioteca virtual, 2008.

FERREIRA, Rosane Alves. **O espiritismo e o trânsito religioso de católicos e evangélicos: a Sociedade Espírita Albergue de São Lázaro em Contagem, Minas Gerais**. 2016. 241 fls.. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião PUC/Minas. 2016.

FOX, Matthew. **Pecados do espírito, bênçãos da carne: lições para transformar o mal na alma e na sociedade**. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. Campinas: Verus, 2004.

FRANCICO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si** (Sobre o cuidado da casa comum). Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acessado em: 12 mar 2019.

GEERTZ C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro (RJ): Vozes; 1997.

GEFFRÉ, Claude. **De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa**. São Paulo: Paulus, 2013.

GÊNESIS. In: **Bíblia**: Tradução ecumênica. São Paulo: Paulus, 2002.

197

HAMMED (Espírito). **Os prazeres da alma: uma reflexão sobre os potenciais humanos**. [Psicografado por] Francisco do Espírito Santo Neto. Catanduva: Boa Nova, 2003.

HAMMED (Espírito). **Renovando atitudes**. Psicografado por Francisco do Espírito Santo Neto. Catanduva, 1997.

HARARI, Yuval Noah. **Uma breve história da humanidade**. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2018.

INCONTRI, Dora. **A educação espírita**. Disponível em:<[pt.scribd.com/document/367141685/A-Educação-Espírita-Dora-Incontri-pdf](http://pt.scribd.com/document/367141685/A-Educação-Espírita-Dora-Incontri-pdf)>. Acessado em: 16 mar. 19.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: Um Projeto Brasileiro e suas Raízes Históricas Filosóficas**. 2001. Fls 214 f. Tese (Doutorado). FEUSP.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. São Paulo: Vozes, 2015.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Tradução Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Tradução Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução Salvador Gentille. Araras: IDE, 2008.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Salvador Gentile. Araras: IDE, 2009.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Tradução de Salvador Gentile. Araras: IDE, 1995.

KARDEC, Allan. **Viagem espírita 1864**. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/A%20Viagem%20Espirita/Allan%20Kardec%20-%20Viagem%20Esp%C3%ADrita%20em%201862.pdf>>. Acessado em: 12 fev. 2019.

KOHN, Eduardo. **Como as florestas pensam: em direção a uma antropologia além dos seres humanos**. Bruxelas: Edições de áreas sensíveis, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2014

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Tradução de Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LUIZ, André (Espírito). **Evolução em Dois Mundos**. Psicografo por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

LUIZ, André (Espírito). **Missionários da Luz**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião**. Ver. Pristis. Prax. Pastor, Curitiba, v. 5, n.2, p. 587-611, jul/dez 2013.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Imagens de Deus na Evangelium Vitae: o diálogo inter-religioso a favor da vida**. Rev. Pistis Prax. Curitiba. v. 7. n. 3, p. 705-725. set./dez. 2015.

PIRES, Herculano Ferraz. **Evolução espiritual do homem**. São Paulo: Paideia, 2005.

PIRES, J. Herculano. **Pedagogia Espírita**. São Paulo, Edicel, 1985.

POSSATTO, Lourdes. **É tempo de mudança**. São Paulo: Lumen, 2002.

PRADO, Patrícia Simone do. **O MUNDO NOS NOMEIA: O fundamentalismo religioso no Islã e a categorização de uma identidade performativa**. 2013. 149 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião: PUCMinas, 2013.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã**. Tradução de Afonso Maria Ligório Soares. São Paulo: Paulus, 1999.

RITZ, Cláudia Danielle de Andrade. **Ecofeminismo e o pacto de ajuda mútua, na perspectiva de Alicia H. Puleo, como tarefa libertadora**. In: **Anais do 30º Congresso**

**Internacional da Soter: Religião em reforma: 500 anos depois**, 10 a 13 de julho de 2017, SOTER (Org.), Belo Horizonte, 2017.

RÖHR, Fernand. **Educação e espiritualidade: construções para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

SIQUEIRA, Deis. **A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil**. In: SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa de. **Sociologia das adesões: Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SOBRINHO, Geraldo Campetti. **O Espiritismo de A a Z**. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

SZTOMPKA, Piort. **A sociologia da mudança social**. Tradução Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O fenômeno humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença**. Persp. Teol. V. 34. p. 155-177. 2002.

TEIXEIRA, Faustino. **O desafio de habitar a complexidade de um mundo vital**. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2019/11/o-desafio-de-habitar-complexidade-de-um.html>>. Acessado em: 15 fev 20.

TEIXEIRA, Faustino. O resgate da espiritualidade no cotidiano. In: PANASIEWICZ, Roberlei; VITÓRIO, Jaldemir (Org.). **Espiritualidades e dinâmicas sociais**. São Paulo: Paulinas, 2014.

TUTU, Desmond. **Deus não é cristão e outras provocações**. Tradução de Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

ZILLI, Ercília. **O espírito em terapia: hereditariedade, destino e Fé**. Guarulhos: Mundo Maior, 2011.